

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Presença russa

Com a divisão de Berlim após a guerra, a Rússia levou a melhor fatia do bolo. Ficou com oito bairros, dominando o centro histórico (o Mitte), onde situa-se a Unten den Linden, o Champs Elysées de Berlim, um dos endereços nobres da capital. Em 1837, o número 63-65 da avenida era um palácio, sede da missão diplomática do Reino da Rússia, na Prússia. Após os bombardeios de 1944, o palácio virou ruína e no mesmo terreno foi erguido um prédio (sob a égide soviética) e onde ainda hoje funciona a embaixada da Rússia. Os russos ocupam o quarteirão inteiro, com prédios residenciais e empresas como a companhia aérea Aeroflot (antes estatal, hoje privada). Conheci algumas instalações da embaixada durante um concerto do pianista chinês Lang Lang em homenagem a Tchaikovsky, realizado em outubro de 2009.

O evento marcou o início das comemorações do aniversário de 170 anos do nascimento do compositor, em 2010. Como esperado, o controle de segurança na entrada foi rígido. Éramos 250 convidados, aguardando em uma fila enorme para chegar à entrada principal, uma escadaria tripla. Lembro-me do teatro e dos três salões (da Cúpula, do Brasão e de Espelhos). Em um deles, havia um bufê com especialidades russas e vodca à vontade. Mas o que me chamou a atenção foi a forma extravagante como as mulheres do Leste europeu, em geral, se vestem. Elas usam muito brilho, casacos de pele, saltos altíssimos, maquiagem forte e acessórios de marcas famosas. O cenário ao meu redor era fascinante.

A arquitetura da embaixada tem elementos neoclássicos, que retomam e homenageiam a arquitetura da época do imperador da Prússia. O estilo bolo de noiva, típico das construções da era stalinista, inspirou também a construção da famosa Karl-Marx-Allee, antes conhecida por Stalin Allee. O interessante dessa avenida — projeto coletivo de vários arquitetos, inspirados nas metrópoles soviéticas — é que em sua extensão de dois quilômetros foram construídos prédios de até 13 andares, dos dois lados da rua, e, no final, as torres Frankfurter Tor. A maioria dos locais da época ainda existe.

O Kino International, hoje sob nova administração, tem a singularidade de ter o pôster do principal filme em cartaz pintado à mão, em um grande painel. O antigo Mokka-Milch-Eisbar, ao lado, hoje em dia é o bar A-Lounge. O Sybille, uma ex-leiteria, desde o anos 60 com o mesmo nome, hoje é um café com exposição permanente de quadros, móveis, fotografias, cartazes e citações de Brecht nas paredes. Na calçada, à direita da porta de entrada, está uma maquete da Karl-Marx-Allee, onde também se pode ver o Café Moskau, na época comunista um badalado restaurante de culinária típica que hoje em dia está fechado, após ter sido minuciosamente reformado.

Do lado oposto da cidade, na região oeste de Berlim, predominantemente ocupada por russos, pulsa um outro cenário. Na estação de metrô Charlottenburg, ponto de prostituição, em torno da praça Stutti (de Stuttgart), ou Charlottengrad, como também é conhecida, fica a lanchonete Rossia, aberta 24 horas. Lá, famílias russas, amigos, motoristas de táxi e curiosos se encontram para saborear pratos tipo *pelmeni*

e *vareniki*, semelhante a ravióli; *blinis*, que são panquecas recheadas; *pirogi*, espécie de pastel; e as sopas *soljanka* e *borsch*, entre outras especialidades. Colado à lanchonete, tem um supermercado com produtos típicos. São quase 50 tipos de vodca, latas de caviar que custam de € 5 a € 500, picolé de Leningrado, chocolates, conservas, geleias e produtos defumados. O item que tem a melhor saída é semente de girassol. Cerca de seis mil pacotes de 200 gramas são vendidos por mês, declarou um funcionário do supermercado.

Para alimentar a população russa em Berlim, estimada em 120 mil, existem também teatros, cinemas, festivais, um jornal semanal, uma rádio, canais de TV e a Casa Russa, que abriga salões, galerias e uma biblioteca que possui 40 mil volumes, publicações atuais e uma videoteca.

Outro ponto de encontro da comunidade é o Kaffee Burger, um clube com tradição de reunir a cena jovem russa de Berlim. Uma das noites mais populares é organizada por Vladimir Kaminer, autor do livro "Russendisko", nome que batiza a famosa noite disco que acontece duas vezes por mês. A programação do Kaffee Burger é dedicada à cena artística do Leste europeu, podendo ser um show, uma leitura ou uma performance.

Um filme, no Kino Krokodil, também é um programa recomendado para os fãs das produções do Leste europeu. O cinema existe desde 1912 e foi reaberto em 2004. Seu atual dono, Gabriel Hageni, faz tudo: ele é projetorista, bilheteiro, programador, lanterninha e ainda cuida do bar. A mobília do Krokodil foi recolhida em cinemas desativados. As belas lâmpadas de parede são dos anos 60, as primeiras filas têm confortáveis poltronas giratórias e as de trás são cadeiras de auditório vermelhas. Duas curiosidades no cinema são: um piano de cauda antigo para ser usado em projeções de filmes mudos e um crocodilo empalhado de dois metros pendurado no teto da sala de entrada. A obra de arte, que deu nome ao cinema, é do artista plástico brasileiro Alex Flemming. O crocodilo pintado de azul fez parte da 1ª exposição individual do artista na Alemanha, em 1992.

De todos esses lugares, identifiquei-me mais com o Krokodil, cineminha do bairro (Prenzlauerberg) onde vi o documentário "Die Frau mit den 5 Elefanten", a história da ucraniana Swetlana Geier, tradutora oficial dos romances de Dostoiévski para o alemão. Fiquei fã do local.

**Chama a atenção a forma extravagante como as mulheres do Leste europeu se vestem**

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso